

Revista Filosófica de Coimbra

vol.16 | n.º32 | 2007

Mário Santiago de Carvalho
Henrique Jales Ribeiro
Montserrat Herrero
Hugo Mendes Amaral
Nuno Ricardo Silva
Pierre Guibentif
Michel Coutu
Edmundo Balsemão Pires
Luc-Henry Choquet

RECENSÃO

LAURA WERNER, *The Restless Love of Thinking: The Concept Liebe in Hegel's Philosophy*, Helsinki, Helsinki University Press, 2007. 232 páginas.

A obra sob apreciação corresponde à publicação da tese de Doutoramento de Laura Werner, professora do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade de Jyväskylä. Desde os finais dos anos 90 que Werner vem produzindo diversos artigos nos quais foca as problemáticas da família e identidade de género partindo da obra de Hegel. De acordo com a própria autora o objectivo desta edição é «acompanhar em detalhe a função e o trabalho do conceito de “amor” ao longo da filosofia de Hegel» (p.12). A expressão “inquietude do amor” foi retirada de uma obra, também ela ambiciosa: *Hegel. L'inquiétude du négatif* (1997), da autoria de Jean-Luc Nancy, onde se apresentava o trabalho do negativo subjacente ao desenvolvimento do *Geist*. Nancy inseria-se de forma excepcional na tradição iniciada por Derrida em *Glas* (1974), obra em que se articulavam as posições de Hegel relativamente à família, linguagem, género e morte partindo do cruzamento de textos de juventude e documentos pessoais do filósofo. Foi na senda daquela obra seminal do desconstrutivista que surgiu um grande número de obras de índole feminista as quais permaneceram quase sempre cingidas ao período alvo pré-Iena. Ora o carácter original deste trabalho de Werner reside precisamente no facto de nos oferecer uma revisão integral da presença do conceito de *Liebe* na filosofia de Hegel; os diferentes contextos em que o mesmo surge e os objectivos em que se insere, desde os primeiros escritos até às últimas aulas.

Werner mantém-se inevitavelmente próxima do horizonte da recepção de Hegel entre os círculos feministas inaugurada pela polémica obra de Simone de Beauvoir, *Le Deuxième Sexe*, incorporando criticamente as temáticas da teoria do reconhecimento, da divisão público e privado e da concepção do género aí presentes, mas alargando a sua abrangência por via do tratamento do conceito de amor. Denunciar e pôr cobro à escassez e parcialidade no tratamento da presença do conceito de *Liebe* na filosofia de Hegel é o motivo subjacente à investigação de Werner.

Uma tal lacuna não será alheia à forma como foi lida a mudança de objectivos anunciada no “Prefácio” à *Fenomenologia do Espírito*. Na revisão da etimo-

logia do termo “filosofia”, a disciplina descoberta neste nome deixaria de ser um mero “amor ao saber” passando a designar a “posse do saber”.

Daí que o propósito de Werner passe por expor como deve ser perspectivada aquela nova preponderância da *Wissenschaft* orientada pelo *Saber Absoluto*, transição esta que, como vai mostrar, não se traduzirá nem em um abandono do “amor” (que constitui um precursor do conceito de Espírito nos escritos do período de Frankfurt) nem da filosofia.

De referir que se o livro consegue percorrer de forma eficiente o tratamento de Moralidade, Género e Política partindo do conceito de *Liebe*, tal deve-se ao tipo de abordagem histórico-conceptual por via da qual prossegue desde os primeiros capítulos. Werner opta por acompanhar o desenvolvimento do conceito no contexto dos debates em que o mesmo se insere, mas simultaneamente em conexão dinâmica com a rede conceptual “sistemática” hegeliana. No caso do conceito “amor” isso requer uma clarificação das várias acepções “brutas” do termo (sexual, fraterno, maternal, religioso, marital, pátrio...) e seu adequado tratamento histórico e sistemático, escapando dessa forma a uma fixação em estruturas “ontologizantes” contrárias ao legado hegeliano da verdade como processo. É para a *Lebendigkeit* da conceptualização que a autora remete sucessivamente e é no âmbito dessa mesma vivacidade que deve ser entendida a inquietude do pensamento de Hegel.

O trabalho é composto por 10 capítulos agrupados em 3 secções cuja concatenação obedece tanto à sequência temporal das produções do filósofo quanto à evolução do conceito de *Liebe* que, mostra Werner, esteve sempre ao serviço da resolução de problemas filosóficos concretos acompanhando assim as suas diferentes inquietações.

Assim na primeira parte – “Amor, Moralidade e Vida Ética” – Werner começa por um extenso e informado exame por intermédio do qual lança luz sobre as posições antagónicas relativas ao amor procedentes da época Iluminista, designadamente as perspectivas face às quais Hegel permanecerá particularmente atento: a filosofia moral kantiana e os precursores do romantismo, em especial Schiller. Este tratamento tem portanto em conta o impacto – que só mais tarde se traduzirá numa teoria do amor restrito à instituição familiar – que teve em Hegel o tópico do amor romântico. É a partir deste pano de fundo histórico que, focando os escritos de juventude de Hegel, Werner nos dá conta do modo como este conseguirá harmonizar a filosofia prática kantiana e sua exigência de pureza com a sublimação romântica da unidade congruente do mundo grego. Mostra que é por intermédio da elaboração por parte de Hegel de uma *Volksreligion*, na qual a oposição uno-múltiplo é superada pelo conceito de *Liebe* que ele se opõe frontalmente ao domínio estrito do “racional” em sede kantiana. Sustenta a autora que é precisamente esta divergência surgida numa fértil abordagem do conceito de amor que está na origem da formação da autonomia do pensamento de Hegel. Nos alvares do século XIX, além de funcionar como meio de se inteirar das tendências filosóficas e literárias do seu tempo, é em torno desse conceito que Hegel concebe a acção moral na sua vertente activa, sendo que nos escritos dos períodos de Tübingen e Berna tais concepções surgem de forma fragmentária mas

já com traços bem definidos. Neste ponto é também fundamental a abordagem inicial do conceito de *Leben*.

Werner mostra como é na articulação deste conceito com o de *Liebe* que está o gérmen de uma concepção orgânica do real, presente nos trabalhos posteriores enquanto movimento vivente do espírito.

Ao integrar de forma complexa os códigos da amizade e sexualidade, o novo par conjugal autonomizava-se relativamente aos sistemas político, religioso e económico.

É aqui que têm lugar as primeiras formulações relativas à diferença sexual, também elas bastante condicionadas pelas recentes convulsões verificadas no discurso científico, e a forma como a *Empfindung* romântica estrutura as posições desejantes de masculino e feminino de acordo com uma persistente ideologia dos lugares relativos ao género. A estadia em Frankfurt e a amizade com Hölderlin deixaram marcas claras no seu pensamento, mas diz-nos Werner que a problemática com que doravante Hegel se teria de confrontar, e que seria conducente a uma nova articulação da *Liebe*, incidia precisamente sobre o carácter subjectivo de tal conceito e a impossibilidade do mesmo fundar a constituição da comunidade ou estado tanto ao nível religioso como político. O problema com que Hegel se irá debater é, portanto, o da necessidade de uma alternativa à moralidade exterior, de tipo “positivo”. Foi esta limitação inerente à reconciliação pelo amor que induziu a esmagadora maioria dos críticos a afirmarem, no entender de Werner equivocadamente, o abandono do conceito de *Liebe* no período de Iena aquando do contínuo contacto com Schelling. Pelo contrário Werner enaltece que aí «o eleger do conceito de *Liebe* como o modelo de união deu-lhe a possibilidade de conceptualizar a relação entre unificação e identidade de modo que a produção de novas diferenças era necessariamente parte da unificação.» (p. 69).

A dialéctica do reconhecimento tem uma antecipação clara na dialéctica do amor onde os extremos renunciam a si mesmos acedendo à complementaridade com o outro. A este respeito Werner mostra como «o amor transforma o desejo, uma relação de puro apetite, num laço duradouro através do qual o eu se bifurca para se encontrar a si mesmo no outro.» (p. 86)

Ao ultrapassar a singularidade “natural” dos filhos, no conceito de *Erziehung* vincou Hegel o carácter propriamente ético da esfera familiar preparando também a dissolução da unidade da família originária pela garantia da independência e autonomia. É desta forma que a *Liebe* pode ser pensada como elemento subjacente à diferenciação (geração e dissolução) da unidade familiar e seus elementos constituintes. Mas para efectuar este movimento Werner necessita de mostrar que a família, além de conter a negatividade inerente ao trabalho da coisa tornada propriedade e à educação dos filhos, tem também uma incontornável dimensão de conflito que está na origem do político.

A proposta de Werner passa então por expor a repercussão em Hegel da concepção aristotélica da vida ética. Segundo a autora, esta deixará de ser simplesmente decorrente da actualização contínua da “natureza humana” em potência. A eticidade refere-se em Hegel à complexa inserção da própria realidade natural no “simbólico”. Se no período de Iena o conceito de espírito permanece

ainda em formação, a conclusão da *Fenomenologia do Espírito* conduz a ver a substância também como sujeito, pela representação de um “nós”, que rege toda a Ontologia Social de Hegel.

O reconhecimento é a substância da “espiritualidade” e resulta da constituição do indivíduo no laço social mas enaltecendo a sua tensão constitutiva, o papel motivacional do indivíduo o qual se revela em íntima relação com o amor.

Na segunda secção – “Amor e a esfera Política” – a autora vai procurar explicar, partindo dos escritos da maturidade do filósofo, de que forma o conceito de amor é o limite que condiciona e define a vida ética. Werner vai desenvolver a relação da *Liebe* com a comunidade. Esta relação é estruturada a partir do conceito de reconhecimento que, antes de mais, está patente na unidade familiar: «quando a luta pelo reconhecimento é considerada necessária para o desenvolvimento do espírito, e a família é interpretada como não contendo conflito, a transição da consciência-de-si da esfera da família para a da sociedade civil e para o estado torna-se bastante difícil de imaginar» (p. 95). Werner demonstrará como «Longe de desaparecer, o “amor” funcionou condicionando o seu discurso da sexualidade e diferenciação genérica, a relação entre família e estado, e a estrutura das disciplinas da Arte, Religião e Filosofia» (p. 92).

É também neste âmbito que a autora vai desenvolver detalhadamente a teoria hegeliana das posições do género passando criticamente em revista as interpretações e apropriações de que a mesma foi alvo por parte de teóricos feministas e não feministas. A respeito da diferenciação genérica como suporte para a atribuição de diferentes esferas de acção de homem e mulher, Werner vai recorrer no capítulo sexto aos escritos lógicos de Hegel. Centra-se em especial na sua concepção da identidade, mostrando como a mulher é a unidade que ao nível natural (ontogénico) e espiritual (social) permanece indiferenciada sendo que a sua forma de aceder à consciência-de-si será tematizada como decorrente do desejo passivo que a caracteriza e que, nota Werner a título de curiosidade, é próximo do «desejo do desejo do outro» formulado por Kojève. Se o recurso à *Ciência da Lógica* poderia afigurar-se como surpreendente em relação às tematizações da diferença sexual e de género patentes de modo explícito nos escritos sobre a natureza e o direito, a presença da tragédia clássica, em especial de *Antígona*, seria incontornável nesta abordagem. Mas, a este respeito, Werner não se limita a apresentar as várias perspectivas quanto ao lugar que a “heroína impura” ocupa nas suas diferentes aparências na obra hegeliana, nem faz uma apologia da interpretação do filósofo. Diz Werner que «a tragédia não é o outro da filosofia, é-lhe isso sim interior, funcionando como descrição fenomenológica do desenvolvimento lógico-histórico do espírito.» (p. 136) A forma como o filósofo leu a tragédia, verifica-se na oscilação das suas considerações desde a *Fenomenologia* para as *Lições sobre Estética*, está condicionada pelos seus pressupostos relativamente à *Sittlichkeit* grega, sendo que a figura de Antígona não poderia manifestar a impureza e contaminação mútua das esferas de família e do Estado. Antígona, apresentando a particularidade subjectiva, só poderia ser admitida enquanto tal quando inserida na *rechtlich-sittliche Liebe* do mundo moderno, que Hegel desenvolve nos *Fundamentos da Filosofia do Direito*.

Foi L. Irigaray quem primeiramente alertou para o carácter escandalosamente impuro da actuação de Antígona, sendo aqui que surge a ocasião para J. Butler pensar as possibilidades do parentesco além das prescrições e interditos da lei patriarcal. Segundo essa leitura não só Antígona manifesta um poder disruptivo da lei da piedade materna (elevando o “tom” da sua pretensão até à posição linguística do soberano) mas também Creonte vê a sua força de lei assegurada pelos laços familiares. O próprio Hegel estaria ciente desta mútua dependência. Segundo Werner «tentando ir além dos dualismos hierárquicos, todas estas interpretações de Hegel remetem para um momento de transcendência ou transgressão, que implica um “além” privilegiado» (p. 130). A autora defende que Hegel apresentou um isomorfismo entre as esferas da família e do estado, por via do conceito de *Liebe* enquanto unificação do princípio substantivo ético no estado. A tese de Werner é novamente a de que a *Liebe* (na medida em que transponha as limitações do amor apaixonado) pode ser então entendida como princípio da organicidade do vivente relacionando família, cidadania e estado.

Werner concorda com J. Butler quanto ao facto de que a respeito da posição da mulher e do poder estatal, trabalhos como os de Hegel ou L. Irigaray permanecem inseridos numa política da diferença “naturalizada”, que mantém a mulher restrita ao “sangue” e ao “corpo”. Antígona é aí a figura representativa do parentesco, condição do político, mas excluída da esfera pública. Aquilo a que se assiste nessas leituras de acordo com a obra de J. Butler é à projecção de diferenças arquitecturais na verdade ausentes da peça. Mas Werner defende que nem mesmo aquela construtivista radical escapa à imposição de suposições estranhas à peça, em particular ao presumir a presença aí de um desejo incestuoso – no qual entrevê a (im)possibilidade para a qual o desejo de Antígona remeteria (concepção cuja origem óbvia é o influente *Seminário VII* de Lacan) – que na verdade é incapaz de provar. Por seu lado, Werner chama atenção, na sua interpretação peculiar da peça de Sófocles, para uma figura que permaneceu ofuscada e na qual perspectiva o terceiro mediador na relação entre parentesco e poder estatal, a figura de Hémon aproximada de *Eros*.

Na terceira e última secção do seu trabalho – “Amor como Espírito Absoluto” – Werner vai consolidar as referências que vinha já fazendo espaçadamente no seu texto, as quais são como já referimos a de base a todo o seu empreendimento teórico: a *Liebe* não só está na génese do carácter orgânico do entendimento do Espírito, como ainda na maturidade do seu pensamento Hegel continúa explicitamente a caracterizar o Espírito recorrendo à linguagem do amor.

Werner começa por tratar de forma mais detida a enredada relação do filósofo com o movimento romântico seu contemporâneo mas também as suas manifestações históricas anteriores. Regressa agora à forma como Hegel “integrou” o patriotismo romântico no seu afastamento face às teorias contratualistas, mas rejeitando o seu naturalismo restaurador da *Vaterlandsliebe* concebida a partir da *Sittlichkeit* grega. A autora leva em conta, entre outros, o modo como Schmitt leu o sacrifício à Nação presente em autores como Herder, Novalis ou A. Müller. O que em Hegel aproxima o amor familiar e o sentimento patriótico é o facto de ambos mesclarem a identificação com o outro e a confiança, relacionando

dialecticamente o universal e o particular. Werner mostra como a concepção de *Liebe* patente na *politische Gesinnung* hegeliana é inerente tanto à moderna reflexividade do saber quanto à forma como a verdade do si-mesmo é detida por algo bem mais vasto e vinculativo que o sentimento particular a que o Romantismo tende a reduzir o seu amor/sacrifício pátrio. Já no que se refere à arte romântica enquanto compreensão e expressão do real, refere Werner, «a crítica de Hegel (...) está ligada à sua visão sistémica de que a arte não é ainda o espírito na sua forma veraz» (p. 216). A representação sensória do espírito não poderia aceder ao nível conceptual onde ocorre a expressão do Absoluto.

É nos seus trabalhos tardios que a negatividade emerge como base para a acção política acentuando nas suas *Lições sobre a Filosofia da Religião* a força revolucionária e o papel histórico do Cristianismo desenvolvidos novamente em torno da figura de Jesus. A nova formulação do conceito de *Liebe* é originada na «infinita angústia do amor» (p. 208) onde este, integrando uma negatividade já não restrita à interioridade ou à abstracção, se revela como fonte de acção política e actualização da liberdade. Destaca aqui Werner o tema da morte de Deus (que em Hegel é sinónimo da realização do Espírito) como o ponto na obra de Hegel onde a relação entre negatividade e amor é estabelecida de forma mais abrangente enquanto “morte da morte”. É no seu abandono à alteridade inelutável, convocadora de uma angústia insanável e subsequente retorno a si, que Deus é, para Hegel, o Absoluto amor que permanece ainda impensado na Religião.

Ao abordar as presenças do amor na Religião e na Arte, Werner mostrou então que «Enquanto amor, o espírito não pode nunca ser um sistema que permanece imóvel no seu denso preenchimento. A partir da perspectiva do espírito o jogo auto-satisfatório do amor consigo mesmo é insuficiente: ele carece de sofrimento e negatividade, a experiência de temor e auto-alheamento, que estilhaça as suas pretensões de unidade imutável.» (p. 219) A autora defende que se Hegel se mantém na esfera conceptual da filosofia, entendida como pensamento que enfrenta o “resto” resultante do abandono da congruência clássica, isso se fica a dever à *Liebe* e à forma como esta «satisfaz a exigência do *Begriff*, ser conceptualmente idêntica ao espírito absoluto incluindo o trabalho, a luta e angústia do negativo incorporada no conceito de espírito» (p. 209). Assim, baseando-se na última lição de Hegel no ano de 1831, pôde Werner apresentar a filosofia como essa inquietude do pensamento solicitada pelo movimento do espírito, procedendo numa circularidade reflexiva entre *Leben*, *Liebe* e *Geist*.

Laura Werner conseguiu cumprir o árduo objectivo a que se propôs. Não se limita a uma apresentação neutra de temas clássicos dos estudos hegelianos, adoptando uma nova perspectiva. Escapa aos preconceitos recorrentes relativos ao pensamento hegeliano, dando uma contribuição decisiva para uma compreensão global da sua génese e unidade.

Cláudio Carvalho dos Santos